

ANÁLISE HEIDEGGERIANA DA FUNÇÃO ONTOLÓGICA DO CONCEITO DE PULSÃO (*TRIEB*) E A RELAÇÃO DESSE CONCEITO COM A METAFÍSICA MODERNA

Luciene Braga Ramos Borges¹; Caroline Vasconcelos Ribeiro ²

1: Bolsista FAPESB, Graduanda do Bacharelado em Filosofia,

Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: luci_eneramos@hotmail.com

2: Orientadora: Dr(a) Caroline Vasconcelos Ribeiro, Departamento de Ciências

Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carolinevasconcelos@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger, Freud, pulsão

INTRODUÇÃO

Na obra *Seminários de Zollikon* Heidegger levantou questões de caráter ontológico acerca da psicanálise, psicologia, psiquiatria, ou seja, o filósofo nos convidou a olhar para os fundamentos que sustentam, de modo velado ou explícito, tais ciências. Interessa-nos, com essa comunicação, explanar sobre a abordagem operada por Heidegger em relação à psicanálise freudiana, a qual o filósofo considera uma ciência natural, portanto, herdeira da metafísica moderna. A crítica de Heidegger a Freud tem como base sua concepção do homem enquanto *Dasein*, concepção formulada em *Ser e Tempo* (1997).

Para Heidegger (2012, p.210), o existir humano não se encontra fundamentado na representação de objetos, mas numa compreensão pré-teórica e cotidiana dos entes que se dão no mundo. Segundo o filósofo, Freud, ao falar de aparelho psíquico regido por uma força pulsional que se dirige a objetos, aborda o homem de modo inadequado e reducionista. Na perspectiva heideggeriana, a semântica freudiana, inspirada na física, seria inapropriada para abordar genuinamente os fenômenos humanos, saudáveis ou patológicos.

Ao postular a existência de uma força a mover o aparelho psíquico, a pulsão (*Trieb*), Freud teria aplicado uma abordagem científico-natural ao campo dos fenômenos humanos, estabelecendo para o homem uma explicação análoga àquela exigida para os entes naturais. Em função disso, Heidegger (2012, p.211) ressalta que “as tentativas de explicação dos fenômenos humanos a partir de pulsões tem o caráter metódico de uma ciência, cuja matéria não é o homem, mas sim a mecânica.” Ao fazer uma afirmação tão categórica, o filósofo se pergunta “se um método tão determinado por uma objetividade não-humana pode mesmo ser apropriado para afirmar o que quer que seja sobre o homem *qua* homem” (HEIDEGGER, 2012, p.211). Tal questionamento nos impeliu a levantar uma suspeita sobre a natureza do conceito de pulsão, sobre sua função metodológica na teoria psicanalítica e sobre a herança metafísica que lhe sustenta. O presente resumo expandido refere-se aos resultados que alcançamos a partir da execução desses questionamentos.

Inicialmente analisamos a função metodológica que esse conceito exerce no corpo da teoria freudiana, para isso, nos servimos, dentre outras, das obras de Freud intituladas *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1996a) e *A pulsão e seus destinos* (1996b) e *Ansiedade e vida pulsional* (1996c) nas quais o pai da psicanálise sistematiza o conceito de pulsão. Em seguida, fizemos um estudo detalhado sobre a metapsicologia freudiana na perspectiva filosófica e, para isso utilizamos, primordialmente, trabalhos de autoria dos pesquisadores Leopoldo Fulgencio e Zeljko Loparic, cujos títulos são: *As especulações metapsicológicas em Freud* (Fulgencio, 2003), *Método especulativo em Freud* (Fulgencio, 2008), *O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia* (Loparic, 1999) e *As duas metafísicas de Kant* (Loparic, 2003).

A leitura dessas obras nos evidenciou que o conceito de pulsão é uma convenção especulativa postulada para tornar explicáveis fenômenos que não são passíveis de explicação a

partir de dados empíricos, observáveis. Vimos que o conceito em comento está em sintonia com o projeto kantiano para a ciência da natureza, tal como apresentado na obra *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Nessa obra, Kant (1990, p.15) defende que uma ciência genuína não contém somente certezas empíricas, mas pressupõe uma metafísica da natureza. Seguindo a pista heideggeriana sobre herança moderna do conceito freudiano de pulsão, verificamos que tal convenção é pensada a partir do conceito metafísico de força (*Kraft*) e pode ser relacionado com a noção leibniziana de apetite-representante. Para Leibniz (1996) um apetite-representante é movido por relações de causalidade e, para Freud (1996b), a pulsão é um tipo de força composta por representação e afeto e tem o poder de mover, fazer funcionar o aparelho psíquico. A pulsão freudiana é acionada por um dos seus componentes: a pressão (*Drang*). Detectamos com nossa pesquisa que, na ótica leibniziana e freudiana, está pressuposto que o apetite-representante e a pulsão são regidos pelo princípio de causalidade.

MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O plano de trabalho ao qual se relaciona esse resumo expandido está vinculado a uma pesquisa cuja natureza é bibliográfica. A tarefa central consistiu numa consulta sistemática às obras de autores e comentadores relacionados ao tema do projeto. Em um primeiro momento da pesquisa investigamos o conceito de pulsão (*Trieb*) e a função metodológica que tal conceito recebeu dentro do quadro teórico da psicanálise freudiana, para isso nos servimos inicialmente da obra de Sigmund Freud intitulada *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1996a). Em seguida, trabalhamos os textos *A pulsão e seus destinos* (1996b) e *Ansiedade e vida pulsional* (1996c), nos quais Freud sistematiza o conceito de pulsão. Com o intuito de avaliar a metapsicologia freudiana sob a ótica da filosofia da psicanálise utilizamos as obras *As especulações metapsicológicas de Freud* (2003) e *O Método especulativo em Freud* (2008) de autoria do pesquisador Leopoldo Fulgencio. Concluída essa etapa, passamos a analisar o conceito de pulsão e a possível vinculação do mesmo à Metafísica Moderna, utilizamos, para esta tarefa, os artigos *O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia* (1999) e *As duas metafísicas de Kant* (2003), todos de autoria de Zeljko Loparic.

Analisamos a natureza do julgamento heideggeriano em relação ao conceito freudiano de pulsão exposto na obra *Seminários de Zollikon* (2012), na qual Heidegger expressou o argumento de que o conceito freudiano de pulsão tem raízes na filosofia moderna e no mecanicismo. Devido ao fato de o estatuto científico da psicanálise ser avaliado de maneiras diversas dessa apresentada por Heidegger, investigamos os fundamentos ontológicos da posição do filósofo em relação ao conceito de pulsão e, conseqüentemente, à cientificidade da psicanálise freudiana. Em função disso, pesquisamos sobre o modo como o conceito *Trieb* foi concebido por alguns filósofos modernos. Recorremos ao filósofo Immanuel Kant, com o objetivo de estabelecer a relação entre a maneira como esse pensador compreende o uso de conceitos a *priori*, sem referência empírica, e o modo como Freud postulou seu constructo pulsão (*Trieb*). Para essa finalidade utilizamos a obra kantiana *Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza* (1990) na qual Kant faz a defesa de que uma teoria racional da natureza só merece o nome de ciência natural se os princípios ou leis que lhe subjazem forem conhecidos a *priori*. Depois de estudarmos o programa kantiano para as ciências da natureza, fizemos um paralelo com a metapsicologia freudiana, analisando de forma mais pormenorizada os conceitos oriundos desta parte teórica da psicanálise. Os textos freudianos *Um estudo autobiográfico* (1996d) e *Esboço da psicanálise* (1996e) nos auxiliaram nessa etapa metodológica.

Tomando como base os artigos *O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia* (1999) e *Psicanálise: uma leitura heideggeriana*, ambos de Zeljko Loparic, fundamentamos o argumento que indica que a pulsão freudiana pertence à tradição da metafísica ocidental que teve

início com a tese de Leibniz de que a essência do ente é determinada pelo apetite (força motora) e pela representação controladora.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou análise e discussão dos resultados)

Com o desenvolvimento de nossa pesquisa percebemos que a filosofia de Martin Heidegger reivindica um modo de falar do homem não ancorado na linguagem cientificista da modernidade, não sustentado pela lógica e categorias herdadas da metafísica e não inspirado na semântica fisicalista. Vimos que, em sua crítica à tradição filosófica, Heidegger escolhe o termo *Dasein* para se referir ao homem. *Dasein*, ser-aí, não é apenas uma palavra colocada no lugar de outras palavras do tipo: sujeito, consciência, pessoa ou eu. Entender o homem como *Dasein* significa abordá-lo como um ente aberto ao campo de sentidos, cujo modo ser em um mundo não é, de início e na maioria das vezes, marcado pela representação ou pela atitude teórica, mas por uma lida marcada pela ocupação cotidiana com os entes-à-mão (*Zuhandenheit*), com os entes de uso. Um dos resultados de nossa pesquisa consistiu em contatar que o esforço de Heidegger em indicar que o modo de acessar o homem inspirado na semântica fisicalista e no método das ciências naturais não abarca o homem como *Dasein*. Por isso o filósofo perguntou se poderíamos, a partir da forma de representação científico-natural que foi projetada sem consideração ao ser-homem, observar o humano.

Para Heidegger, o *Dasein* não pode ser objetificado como uma coisa natural e a tentativa de falar do homem subordinada aos imperativos das ciências da natureza e da metafísica moderna é algo digno de ser questionado. Em função disso, Heidegger examina a psicanálise de Freud, especialmente o conceito de pulsão. Seu esforço consistiu em denunciar o quanto tal conceito é marcado por uma objetividade não-humana (Heidegger, 2012. p. 211). Em nossa pesquisa, constatamos que a formulação freudiana do referido conceito é devedora da metafísica moderna, especialmente do pensamento de Kant e de Leibniz. Uma análise pormenorizada do programa kantiano das ciências da natureza e uma investigação histórica sobre o conceito de pulsão na filosofia moderna nos apontaram esse caminho.

Um dos resultados de nossa investigação consistiu em verificar que o termo de pulsão é considerado por Freud como um conceito metapsicológico, cuja função metodológica é organizar os dados empíricos, por isso, tal especulação teórica tem o valor de uma ficção heurística e não necessariamente um valor de verdade. Constatamos, com nossa pesquisa, que essa era a forma de se trabalhar típica das ciências naturais da época de Freud. O pai da psicanálise utilizou a perspectiva dinâmica para explicar os conflitos pulsionais que agem no interior do aparelho psíquico, com isso, segundo Heidegger (2012), naturalizou o psiquismo e alocou a psicanálise na seara das ciências naturais. Para o filósofo, o homem não pode ser alcançado a partir da perspectiva que o aborda como um palco de um jogo de forças que agem segundo leis dinâmicas. Nossa investigação nos levou a concluir que esta abordagem caracteriza-se como um tratamento científico-natural que desconsidera sua condição de abertura constitutiva do ser homem, seu modo de ser-aí (*Dasein*).

Uma ciência que é avalizada pelo programa kantiano para as ciências da natureza e que se utiliza de uma linguagem oriunda da física, não é apropriada, segundo Heidegger, para falar do homem, posto que o objetifica e naturaliza. Diante das características e heranças modernas que pairam sobre a psicanálise freudiana, chegamos à conclusão, que a psicanálise de Freud é uma ciência natural e que o conceito de pulsão fortalece essa identidade.

REFERÊNCIAS:

- FREUD, S. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” in: *Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a, Vol. VII.
- FREUD, S. “A pulsão (*Trieb*) e seus destinos”. in: *Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b, Vol. XIV.

- FREUD, S. “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXII: Ansiedade e vida pulsional” in: *Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c, Vol. XXIII.
- FREUD, S. “Um estudo Autobiográfico” (*Selbstdarstellung*). In: *Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, 1996d, Vol. XX
- FREUD, S. “Esboço da psicanálise”. In: *Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, VOL. 1996e, Vol. XXIII
- FULGENCIO, L. “As especulações metapsicológicas de Freud” in: *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: EDUC, vol. 5.n 1, 2003.
- FULGENCIO, L. *O método especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC, 2008.
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Tradução de Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. – São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1997.
- KANT, I. *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução e notas de Fernando Costa Matos – Petrópolis. RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEIBNIZ, G. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. São Paulo: nova Cultural, 1996.
- LOPARIC, Z. “Psicanálise: uma leitura heideggeriana” in: *Veritas*, Porto Alegre: Edpuc-rs, vol. 43, n. 1, 1998.
- LOPARIC, Z. “O conceito de Trieb (pulsão) na psicanálise e na filosofia” in: Machado, J. (org) *Filosofia e Psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999.
- LOPARIC, Z. “As duas metafísicas de Kant” in: *Kant e-prints*, vol 2, n 5. 2003.